

## COMENTÁRIO BÍBLICO

2º Domingo Comum – Ano B

17jan2021

1 Samuel 3,1-20; Salmo 63,2-10; 1 Coríntios 6,12-20

S. João 1,35-42

<sup>35</sup>No dia seguinte, estava João no mesmo lugar com dois dos seus discípulos, <sup>36</sup>quando viu Jesus passar por ali, e disse: «É este o Cordeiro de Deus!» <sup>37</sup>Os dois discípulos, ouvindo isto, seguiram Jesus. <sup>38</sup>Jesus voltou-se, reparou que eles o seguiam e perguntou-lhes: «Que é que procuram?» Eles responderam: «Onde é que moras, Rabi?» Rabi significa Mestre. <sup>39</sup>«Venham ver», respondeu-lhes Jesus. Eles foram. Viram onde morava e passaram o resto daquele dia com ele. Eram mais ou menos quatro horas da tarde.

<sup>40</sup>André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus. <sup>41</sup>A primeira pessoa que André encontrou foi o seu irmão Simão e disse-lhe: «Encontrámos o Messias!» Messias significa Cristo. <sup>42</sup>André levou o irmão a Jesus, que olhou bem para ele e disse: «Tu, Simão, filho de João, serás chamado Cefas.» Cefas quer dizer Pedro.

1. O Evangelho de hoje, segundo S. João, distingue-se dos Evangelhos sinóticos, pois, apresenta-nos a chamada dos primeiros discípulos integrada na declaração de João Batista sobre Jesus, após o Seu batismo. A sua comparação com a leitura do Antigo Testamento permite-nos descobrir dois modos de “ouvir” Deus?

Um, é através do acontecimento extraordinário, uma visão, um assombro, do exterior, que se insinua e se torna compreensível apenas com a mediação da hierarquia religiosa, como o conselho do sacerdote Eli ao jovem Samuel, no santuário de Silo, onde estava a Arca da Aliança: «Eli compreendeu então que era o Senhor a chamar pelo jovem, e disse-lhe: "Volta para a tua cama. E se alguém te chamar novamente, responde: "Fala, Senhor, porque o teu servo está a ouvir."» (1 Samuel 3, 1-9). O outro modo é-nos apresentado a partir da declaração de João Batista sobre Jesus «É este o Cordeiro de Deus!». João não vê o menor inconveniente em que os seus acompanhantes o abandonem e vão com Jesus. E, assim, dois dos seus discípulos decidem seguir Jesus para descobrirem onde morava «Onde é que moras, Rabi?». Jesus convida-os «Vinde e vede». E aconteceu que «Eles foram. Viram onde morava e passaram o resto daquele dia com ele». O que levou a que André, convicto do que viu, tivesse anunciado ao seu irmão Simão «Encontrámos o Messias!» e, depois, o conduzisse a Jesus. Porventura, o anúncio de André a Pedro tinha por base aquilo que era suposto entender-se por Messias, no contexto da cultura judaica do tempo. E os evangelhos dizem-nos bem quanto Jesus teve de corrigir os discípulos acerca do que pensavam sobre a “função” do “Messias” em termos de autoridade, de poder e de força, para a restauração do Reino de Israel (ver S. Mateus 16,21-23 e 20, 20-23). No entanto, neste princípio do Evangelho de S. João somos interpelados por este modo de “ouvir” Deus, ligado diretamente a um tempo de vivência natural e humana com Jesus.

2. Aqueles dois discípulos de João decidem seguir Jesus para ver onde morava. Realmente, na relação humana, o lugar onde se vive pode também dizer muito da vida que se leva. E a forma de viver é o que convence e atrai ou, pelo contrário, o que escandaliza e afasta as pessoas. Ora,

nada se sabe sobre o lugar onde Jesus vivia, apenas que André, um daqueles dois discípulos, ficou de tal modo atraído e fascinado pela forma de viver de Jesus que logo que encontra seu irmão, Simão, lhe diz «*Encontrámos o Messias!*». Ou seja, o Evangelho está a dizer-nos que no encontro com Jesus é tal a alegria sentida que provoca a necessidade inevitável de partilhá-la com os outros. É a chave da evangelização, segundo o Novo Testamento. Neste sentido, percebemos que evangelizar não é captar ou suscitar aderentes para a nossa fé. Antes, evangelizar é tão-somente partilhar com os outros o nosso fascínio por Jesus – como a samaritana (S. João 4, 1-40) –, pela doçura do Seu olhar para quem O procura, a Sua desmedida atenção para com os mais fracos, e a oferta de *vida em abundância* para quem anda perdido. Se quem nos ouve entende ou não o que sentimos, aceita ou rejeita, ou é tomado por esse entusiasmo que nos aquece o coração isso é assunto do foro do Espírito Santo.

Por isso, temos de assumir que a apetência para ser testemunha de Jesus requer-nos, a par da palavra, um estilo de vida de acordo com a atração que sentimos por Ele. Isso leva-nos a uma relação mais regular com a divindade, ajuda-nos a perceber a importância da oração, da leitura e reflexão bíblicas, e concede-nos capacidade para vivermos a importância da identidade cristã, na fraternidade e atenção aos outros e quando a vida nos exige atos e palavras de ética gratuita e de honestidade viva e firme «*estando sempre prontos a dar razão da nossa esperança*» (I Pedro 3, 15). Por isso, é bom que de vez enquando nos questionemos sobre se a nossa fé assenta numa opção sincera de fascínio por Jesus, com todas as suas consequências. Tenhamos em conta o conselho do Apóstolo Paulo: «*Tudo me é permitido, mas nem tudo convém*» (I Coríntios 6, 12). Ou seja, como cristãos e cristãs somos chamados a ter em atenção na nossa vida, o que favorece ou prejudica o nosso crescimento na fé e a relevância ou não da nossa ‘imagem’ de regenerados em Cristo.

3. Ainda ontem fazíamos votos de prosperidade para 2021, esperançosos de que, com a vacina, lá para o Verão, na pior das hipóteses, estaríamos a recuperar a economia e a retomar a “normalidade” das nossas vidas. Agora, em menos de 15 dias tudo se esfumou. A pandemia recrudescer, novas estirpes do vírus mais contagiosas ocorreram, os números de infetados e óbitos diários cresceram desmesuradamente e voltamos ao confinamento. As pessoas estão cansadas, descoroadas e quase já não acreditam. Estamos a voltar à estaca zero e a esperança do efeito ‘redentor’ da vacina vai-se esvaindo. Isto é, vivemos no reino do efémero, no que é transitório, passageiro e que paradoxalmente veio para ficar. Estamos como que exilados na nossa terra procurando fugir a um ser que desconhecemos. E isto afeta os nossos processos de pensar, de olhar o presente e de inventar o futuro. Mas, sendo nós fundados numa argamassa de fé no *Deus conosco*, temos de apelar à nossa responsabilidade cívica e exercitar a esperança, não como um dado em si própria, mas fazendo por ela. É preciso construí-la dia-a-dia, como um ato de resistência, uma luta interior, à luz da confiança em Jesus Cristo. Como alguém disse “ter esperança não é aguardar que a vida nos seja favorável num futuro mais ou menos longínquo. Ter esperança é viver com a consciência de que é possível melhorar o curso dos dias e, em cada dia, empenhar esforços nesse sentido”. Perante as dificuldades de cada dia cantemos em surdina o coro do hino 412 (S.H.) “*Mas eu sei em quem tenho crido / E estou bem certo que é poderoso / Em guardar o meu tesouro / Até ao dia final*”.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana